

A nova geração de colecionadores

Zuleika de Souza/CB/D.A Press - 13/2/12



Oto Dias tem apenas 32 anos e uma coleção respeitável. Cerca de 5 mil livros, 500 gravuras, alguns documentos históricos e antiguidades diversas. A mania começou quando criança, a exemplo do avô, que colecionava máquinas fotográficas. Oto começou a juntar selos, moedas, cartões telefônicos. Quando entrou para a faculdade, virou habitué dos sebos da capital e da biblioteca da Universidade de Brasília (UnB) e, sem perceber, iniciou sua coleção. Edições antigas, livros com dedicatórias memoráveis, livros de arte, de poesia. E foi por meio do interesse que as ilustrações dos livros suscitavam que ele chegou às gravuras.

Hoje, Oto é um especialista no assunto. Viaja pelo Brasil atrás de bons negócios, conhece os artistas pessoalmente e fomenta esse mercado contaminando os amigos com o mesmo vício. Membro da nova leva de colecionadores, honra a mania da sua geração reinventando as formas de consumo: faz boa parte das aquisições virtualmente. Na internet, arrematou peças raras, participou de leilões, comprou produtos internacionais e já se deixou levar por falsificações. Certa vez, comprou por uns R\$ 500 uma gravura de um artista por um site de compras. Quando a gravura chegou, Oto decidiu trocar a moldura da obra. Descobriu que se tratava de uma falsificação das mais vagabundas. A “gravura” era uma foto impressa em papel couché. O vendedor disse que nem ele sabia que se tratava de uma falsificação, e o golpe virou prejuízo. Oto não esquece. Para quem lida com arte, esse tipo de situação, ele garante, “faz parte”.

Mesmo com todo o potencial para marchand ou curador, Oto ainda não vive disso. É pesquisador e só vende alguma gravura da coleção para os amigos mais chegados e insistentes. Na melhor das hipóteses, faz trocas com outros colecionadores em busca de peças mais raras. E, em compras aleatórias, já fez excelentes negócios. Certa vez, arrematou uma gravura por R\$ 30 e, depois de certa pesquisa, descobriu que o trabalho era assinado por um expressionista alemão.

Oto representa a nova geração de apreciadores de antiguidades e arte. Na internet, encontra oportunidades de negócio e compra boa parte de sua coleção de livros e gravuras. Em Brasília, é um dos defensores da valorização do acervo literário local, frequentemente descartado por órgãos públicos e universidades. Em seu escritório, tem livros que custam mais que um carro popular.

O peculiar universo dos leilões

É inevitável afirmar que uma das rodas que engrenam o motor desse mercado de artes e antiguidades são os espólios de falecidos colecionadores. A dinâmica funciona mais ou menos assim: o colecionador morre e, em geral, ou a família não se interessa pelo acervo deixado na herança, ou precisa de dinheiro e resolve vender tudo o que foi herdado. Uns anunciam nos jornais, outros organizam uma venda de garagem e negociam tudo a preços módicos, alguns convocam a visita de um especialista para avaliar os bens e, assim, vendê-los a um antiquário, ou mesmo a um leiloeiro que possa fazer bons negócios com as peças.

É aí que entram duas figuras conhecidas no meio das artes em Brasília:

Celso Albano e Railda Costa. Pai e filha são figuras tradicionais da cidade. Ele está, há 25 anos à frente do antiquário Celso Albano, e ela é a única leiloeira da capital. A loja é repleta de prataria, móveis ingleses de outros séculos, mesinhas modernas assinadas pelos irmãos Campana, porcelana e muita arte. De gravuras de Picasso a arte de Poteiro, quadros belíssimos de Milton da Costa, Antônio Maia, Galeno, Juarez Machado e, vira e mexe, de algum artista anônimo cuja peça despertou a admiração do marchand. As peças ficam à venda permanentemente na loja, que é frequentada por pessoas que pagam, à vista, R\$ 260 mil por um quadro, e por outras que dividem em cinco vezes uma gravura de R\$ 300. Para Celso, o importante é

Gosto antigo
O ato de colecionar e de atribuir valor a objetos antigos é tão velho quanto a própria sociedade — do período paleolítico, quando os homens agrupavam velhos objetos como um pré-conceito de um museu, passando pelo rei da Babilônia Nabucodonosor, grande colecionador de antiguidades. Já o primeiro museu de que se tem notícia, nos moldes dos de hoje, data do começo do século 17.

**CORREIO
BRAZILIENSE**

Brasília, domingo,
26 de fevereiro de 2012

26 e 27